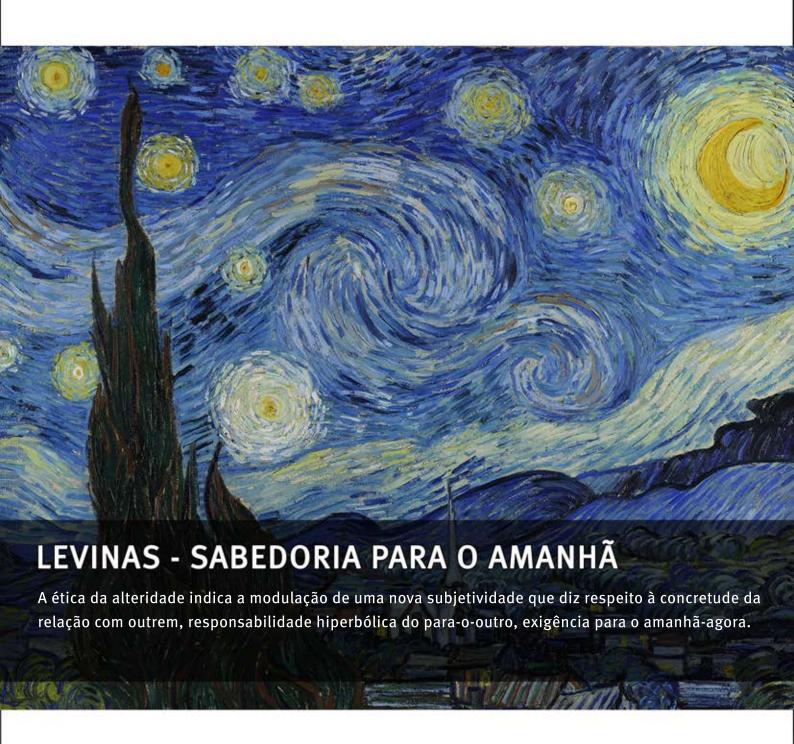


Número XXV Volume 1 julho de 2022



Revista do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora





Marcus Vinicius David - Reitor

Girlene Alves da Silva - Vice-reitora

Instituto de Ciências Humanas

Fernando Perlatto – Diretor Wagner Batelha – Vice-diretor

Departamento de Filosofia

Nathalie Barbosa de La Cadena– Chefe de Departamento Pedro Calixto Ferreira – Coordenador do Curso Eduardo Gross – Coordenador do PPG em Filosofia Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito

Luciana Gaspar Melquiades – Diretora Marcella Alves Mascarenhas Nardelli – Vice-diretora Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação



ISSN: 1414-3917 e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica Camila Fonseca de Oliveira Calderano – Secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)
Boghos Levon Zekiyan (Università Ca' Foscari, Venezia)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)
Débora Mariz (UFMG)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)
Fábio Fortes (UFJF)
Germán Martínez (Fordham University, NY)
Gustavo Arja Castañon (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)

Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Luís Henrique Dreher (UFJF)
Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Pedro Merlussi (UNICAMP)
Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)

Sumário

Editorial Klinger Scoralick	1
Artigos	
Da indiscrição ao pudor: criemos nossos filhos na vergonha da razão Marcelo Fabri	8
Emmanuel Levinas e Maurice Blanchot: a amizade (nos) permite sobreviver Magali Mendes de Menezes	25
Pensar outramente o futuro: do desespero de ser em tempos sombrios à sabedoria da esperança messiânica na contemporaneidade <i>Nilo Ribeiro Junior</i>	40
A partir do tempo e do outro Francesca Nodari	71
Justiça's: ambiguidades – da justiça à justiça em Emmanuel Lévinas Fernanda Bernardo	108
La difficile sagesse du politique chez Emmanuel Levinas Sophie Galabru	144
Um socialismo levinasiano: ou da assinatura ético-socialista da experiência do cativeiro de Emmanuel Levinas Tiago dos Santos Rodrigues	161
Por um mundo menos tolerante e mais hospitaleiro Luis Alberto Méndez Gutierrez	186
How many messiahs, how many alephs? Levinas' talmudic "messianic texts" in three numbers, and André Neher's biblical response <i>Bettina Bergo</i>	199
Levinas: arte e não transcendência em la réalité et son ombre Leonardo Meirelles	225
O outro do "quadro referencial teórico" – uma resposta a Lorenz Puntel Fabio Caprio Leite de Castro	235
Entrevistas	
Sabedoria do rosto e linguagem diacrítica da ética levinasiana Nilo Ribeiro Jr	265
Sobre como descobri Levinas - ânsia de uma orientação filosófica da vida Marcelo Fabri	291

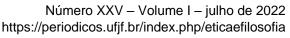




EDITORIAL

SABEDORIA PARA O AMANHÃ

O pensamento ético de Levinas, que se volta para o amanhã-agora, porvir, expõe a ideia de que algo (infinito) se infiltra, de modo subversivo, na ordem das palavras e das coisas, indicando a modulação de uma nova subjetividade que diz respeito à concretude da relação com outrem, responsabilidade hiperbólica do para-o-outro. Em Quatro leituras talmúdicas Levinas diz sobre essa "infiltração", que seria um pacto com o bem que antecede a própria distinção e a alternativa do bem e do mal, do qual decorre a sutileza e a complexidade dessa difícil responsabilidade e de seu segredo, recusando-se à universalidade – e que faz alusão à justiça quando pensada "a três" (política). Trata-se de uma responsabilidade marcada por uma involuntariedade radical, que se traduz como um-para-e-pelo-outro-sem-ter-escolhidoser-para-e-pelo-outro; "agir antes de compreender", "sim mais antigo que a espontaneidade ingênua", "antes do eu-que-sedecide"; significa não "fechar os olhos para o segredo do eu". Dito de outro modo, essa é a expressão da noção de subjetividade em Levinas – questão central de sua obra – que





possui desdobramentos não apenas éticos, mas também políticos. Para Levinas o infinito se infiltra traumaticamente no núcleo do Eu e desarma sua arbitrariedade ensimesmada, suas tramas solitárias, exigindo resposta e justiça. Nota-se aí um "eu" destituído de si, retirado de seu lugar, de-situado, desitiado – em um gesto de saída, mobilidade, insurgência, sob o deslocamento, entre outras coisas, da ideia de liberdade e, sobretudo, da coincidência entre ser e pensar ou do primado da ontologia. O comentário em Quatro leituras talmúdicas sobre o "pacto com o bem" faz menção, em última instância, ao assim chamado "outramente que ser", ao que se descola das conexões com o ser (essência), da trama do idêntico e, por conseguinte, sinaliza para um registro estranho no campo da moral e da política, pois toca a incondicionalidade do agir. Encontra-se em Levinas a indicação de uma relação com aquilo que não se vê, prevê ou se antecipa: por-vir; pacto com uma espectralidade que, antes de mais nada, remete ao judaísmo, ao messianismo em um sentido muito específico, sob a marca do ateísmo e da esperança. (Há uma outra temporalidade em jogo, em que o tempo e o outro se pensam juntos, em que tempo é outro, outrem, tempo e outro). A esse propósito, é preciso lembrar que Levinas em Totalidade e infinito cita Rimbauld afirmando que a verdadeira vida está ausente – mas, completa ele, nós estamos no mundo. A escrita de Levinas posiciona-se contrária a toda ideia de presença e de realização. A verdadeira vida está ausente - assim como o próprio Deus (a que se deve a "honra original") -, mas nós estamos no mundo, responsáveis por tudo e por todos, "responsáveis de Deus". O deslocamento é radical. Os assim





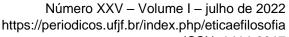
chamados "responsáveis de Deus", para mencionar Gide (Journal II), ou os únicos, os sobreviventes, como diria Levinas, são aqueles indicam estranha que essa responsabilidade, sem fundamento, sem origem, anárquica; desprovida de um lugar; "sem socorros"; acontecimento, porvir (amanhã-agora). A isso se refere a sabedoria da diáspora, do êxodo, do estrangeirismo, do deserto: travessia. Nesses termos, a obra de Levinas sugere um abalo (sempre mais antigo – imemorial – que o próprio gesto de firmar toda e qualquer base, estrutura ou alicerce) que desfaz-queimando o "lugar" (o "onde" e o "aonde"), a casa, o familiar, o sagrado e toda possibilidade do retorno que nisso se inscreve – trama da resistência à ontologia, da qual se ocupa todo o percurso do "outramente que ser" em Levinas, cuja inspiração está em Abraão, em sua trama de fecundidade-política. Abraão é, ele mesmo, e toda sua "espiritualidade" do "sem retorno", a expressão da in-condição desse pensamento "nômade" - do amanhã – que se impõe como transcendência ou mobilização, sob abalo, profanação – "consciência judaica", que confronta o sagrado pois o mistério das coisas é a fonte de toda crueldade aos homens, como comenta Levinas em Dificil liberdade. É preciso a partir de Levinas destruir os bosques sagrados (imersos em seu paganismo), vandalizar aquilo que em nome de um mistério, de uma comunhão mística - ou mítica - tornase abertura e precedente para o assassinato e toda sorte de violência – e o enraizamento dessa possibilidade para Levinas habita a ordem do ser, "o encadeamento mais radical, o mais irremissível, o fato de que o eu é si-mesmo", como se lê em Da evasão. Nesses termos, a trama insurgente do infinito torna-se





a quebra da ordem do idêntico, âmbito do sagrado, das salvações religiosas, dos deuses domésticos, da primazia do lugar, da terra – e que pode se desdobrar, sob a condição da política, em um jogo em que a palavra perde a palavra, onde a mobilidade se torna proibida e o gesto de oferecer alimento para quem tem fome – ou combater a fome – passa a não mais ocupar o gesto último de toda espiritualidade. A *sabedoria para o amanhã* se faz sobre os passos dessa herança em que o outro vem sempre em primeiro lugar, *après vous*. Primeiro você! – amanhã-agora.

Esta edição dedicada ao pensamento de Emmanuel Levinas e à sabedoria que dele se dissemina é um convite para refletirmos sobre a indiscrição sem limites do "homem ocidental", envolto em sua compulsão pelo desejo de dominar. A partir de Levinas é possível nos situarmos para além da aventura em torno de si e pensar, por conseguinte, caminhos que podem nos levar "Da indiscrição ao pudor" para que "criemos nossos filhos na vergonha da razão", como nos aponta Marcelo Fabri em sua instigante e urgente reflexão que abre nosso dossiê. A sensibilidade ética que pode se fazer pensar a partir do pudor encontra, também, inspiração e espaço para se mostrar por meio da amizade. É assim que podemos ler no texto de Magali Mendes de Menezes, que aparece na sequência, e que nos coloca diante dos (des)encontros entre "Emmanuel Levinas e Maurice Blanchot" que foram permeados e costurados pela linguagem da amizade, indicando que "A amizade (nos) permite sobreviver". Trata-se, podemos dizer, de uma linguagem da esperança, tal como nos apresenta Nilo Ribeiro Jr em seu texto





intitulado "Pensar *outramente* o futuro: do desespero de ser em tempos sombrios à sabedoria da esperança messiânica na contemporaneidade". Encontra-se aí em destaque a descrição de uma temporalidade sob a exposição da alteridade e sustentada pela questão da esperança, sabedoria por-vir, diversa daquela que se expressa no desespero de ser. Na sequência, o texto de Francesca Nodari faz tocar temas muito próximos a estes sob uma leitura atenta de O tempo e o outro em que a solidão e a indiferença se veem confrontadas com a alteridade, tempo que se leva a sério. O texto se faz compor pelo "posfácio" da edição italiana desta obra, Il tempo e l'altro (Mimesis, 2021), intitulado "Da solidão ao instante". "A partir do tempo e do outro" descreve-se o acontecimento de uma nova subjetividade em questão, responsável e, portanto, desenclausurada. Embora a responsabilidade seja a voz que atravesse o discurso em Levinas isso não se o faz sem ambiguidades, como nos mostra Fernanda Bernardo no texto subsequente, sobretudo em meio à trama do terceiro. Em seu "Justiça's: ambiguidades – da justiça à justiça em Emmanuel Lévinas" Fernanda Bernardo nos coloca diante do timbre da justiça na obra de Levinas enunciando as razões filosóficas que atestam sua ambiguidade e o modo próprio de sua modulação, permitindo evidenciar a dimensão hiperbólica de seu pensamento. O texto a seguir, de Sophie Galabru, faz sustentar o olhar sobre a tensão quanto ao tema do terceiro, pois aborda "La difficile sagesse du politique chez Emmanuel Levinas". Articulando a ética e o político, Sophie Galabru busca indicar o modo da sabedoria política em Levinas. Adiante, a política também é o escopo do texto de Tiago dos





Santos Rodrigues intitulado "Um socialismo levinasiano: ou da assinatura ético-socialista da experiência do cativeiro de Emmanuel Levinas". A partir de uma leitura que atravessa os Cadernos do cativeiro e em que se menciona a presença nestes textos de uma assinatura ético-socialista, sustenta-se que a filosofia de Levinas é concebida desde uma perspectiva socialista. Logo a seguir, Luis Alberto Méndez Gutierrez nos convida a uma reflexão "Por um mundo menos tolerante e mais hospitaleiro", em que a hospitalidade passa a ser pensada de modo incondicional pela trama do acolhimento que desloca a questão da tolerância sempre frágil, incapaz de suportar o enfrentamento ao estrangeiro. Um passo adiante e temos o texto de Bettina Bergo, intitulado "How many Messiahs, how many alephs? Levinas' talmudic 'messianic texts' in three numbers, and André Neher's biblical response". Neste texto Bettina Bergo se volta para uma leitura talmúdica de Levinas, de seus "Textos messiânicos" que aparecem acrescidos de um comentário de André Neher. Em continuidade temos o texto "Levinas: arte e transcendência em La réalité et son ombre", de Leonardo Meirelles, em que se discute o valor da arte como possibilidade de transcendência. E para encerrar a seção de artigos, temos o texto de Fabio Caprio Leite de Castro, "O outro do "quadro referencial teórico" – uma resposta a Lorenz Puntel", em que se oferece uma resposta crítica a Puntel, para o qual o outro não ocupa nem mesmo um lugar no quadro referencial teórico. Seguidamente, e por fim, temos a alegria de contar com duas entrevistas, que foram realizadas durante o segundo





semestre de 2021, com os professores Marcelo Fabri e Nilo Ribeiro Jr.

Por último, e para encerramos este expediente, gostaria de agradecer a todos e todas, colegas e amigos/as que tornaram possível a realização deste dossiê que é dedicado ao pensamento do filósofo Emmanuel Levinas. Meus agradecimentos a todos vocês que enviaram seus textos e se empenharam para tornar possível a realização desta edição, Neste sentido, destaco meu muito obrigado à professora Francesca Nodari por obter a autorização para a publicação de seu texto e por autorizar-nos a sua tradução. Destaco também toda minha gratidão aos professores Nilo Ribeiro Jr e Marcelo Fabri, que gentilmente acolheram meu pedido de entrevista presenteando-nos a todos com suas palavras sob outro enquadramento. Para concluir, em definitivo, e de modo muitíssimo especial, meus agradecimentos ao professor Antônio Henrique Campolina Martins, editor da revista Ética e Filosofia Política, pela oportunidade de levar adiante a organização deste volume, pela confiança, paciência e amizade de sempre.

> Klinger Scoralick Organizador